



Antologia  
em

Cena



Antologia

em

Cena

Clara Rosa Cruz Gomes e Fernando Fidelix Nunes (orgs.)

**Organização**

Clara Rosa Cruz Gomes

Fernando Fidelix Nunes

**Participação na elaboração da capa**

**Capa:** Ana Melissa Moraes Dias

(Sala de Recursos de Artes Visuais – CEMEB)

Professora Maria Zuleide Vieira de Souza

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito dos autores. (Lei 9.610, de 19.2.1998)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Antologia em cena [livro eletrônico] / organização Clara Rosa Cruz Gomes, Fernando Fidelix Nunes. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2022. PDF. Vários autores.

ISBN 978-65-00-56955-1

1. Antologia 2. Artes cênicas 3. Dramaturgia  
4. Teatro brasileiro I. Gomes, Clara Rosa Cruz.  
II. Nunes, Fernando Fidelix.

22-136211

CDD-791

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes cênicas : Artes da representação 791

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**ISBN: 978-65-00-56955-1**

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>6</b>
Clara Rosa Cruz Gomes	
<b>Cota não é esmola</b> .....	<b>8</b>
Malu Mendes, Mari Capelli, Dayra Carla e Danielle Silva	
<b>Medida por medida na escola</b> .....	<b>22</b>
Letícia da Silva Ferreira, Gabrielly Barbosa Vieira, Sarah Ribeiro Reis Loureiro Lima e Kelly Castro	
<b>Medida por medida na fábrica</b> .....	<b>35</b>
Maria Clara de Oliveira Rocha, Samuel Silva Lima de Melo e João Pedro Lopes Barbosa	
<b>Sonho interrompido</b> .....	<b>45</b>
Gustavo Vieira, Lorena Galindo e Glauco Rodrigues	
<b>Um inimigo do povo</b> .....	<b>55</b>
Jonas Vinícius Barbosa, Larissa Ribeiro Viana e Adryane Coimbra Alexandre	
<b>Anexo - A cartomante</b> .....	<b>63</b>
Guilherme Soares Ribeiro e Virgínia Mota dos Santos	

# Introdução

O projeto proposto aos estudantes dos segundos anos foi criar e escrever uma peça teatral baseada nas seguintes obras que são solicitadas pelo Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/UnB): “Um inimigo do povo” de Henrik Ibsen, “Medida por medida” de William Shakespeare, “Cota não é esmola”, de Bia Ferreira e “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis.

As turmas se responsabilizaram por montarem as peças de teatro, o que incluiu: figurino, cenário, sonoplastia, dramaturgia e interpretação. Cada turma escolheu um tema, escreveu a peça teatral e recriou uma obra. Feito o projeto teatral, a maioria das peças foram montadas e apresentadas na escola para outras turmas, isto é, o trabalho não ficou restrito à turma que produziu a peça. Ademais, é importante destacar que alguns estudantes quiseram trabalhar a linguagem audiovisual preparando curtas sobre os temas escolhidos.

Os estudantes sentiram-se motivados pelo texto teatral ser de sua autoria, o que resultou em uma aprendizagem criativa e divertida. O meu papel, como educadora, foi acreditar nos estudantes, motivá-los, orientá-los e auxiliá-los no estudo da obra e da escrita da dramaturgia.

Esta obra consolida o trabalho ao ajudar os estudantes a materializarem em livro as suas peças com o design que eles construíram durante o processo de edição. Na construção deste livro, é necessário ressaltar o papel do professor Fernando Fidelix Nunes, que ajudou bastante no processo de edição deste e-book, principalmente na revisão, nas orientações sobre os diferentes designs das peças e na escolha de imagens produzidas por estudantes

ou retiradas do site <https://stock.adobe.com/br/>. Também incluimos, em anexo, uma edição especial do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, feita por dois alunos do terceiro ano da escola com o professor Fernando Fidelix Nunes.

Por fim, vale ressaltar que o resultado deste trabalho é importante para o currículo dos alunos, tanto no âmbito profissional quanto acadêmico, pois é um privilégio terminar o ensino médio com obra publicada.

Boa leitura!

*Professora Clara Rosa Cruz Gomes*



DESIGN BY MALU MENDES



Roteiro adaptado e recriado por:

Malu Mendes, Mari Capelli, Dayra Carla e Danielle Silva

PERSONAGENS:

Beatriz

Betânia

Cintia

Sílvio

Bandido

Mariana

Diretor Caio

Sérgio

Felipe

Ana

Luiz

Luciano

Bento

Senhora

Policia1 1

Policia1 2

Porteiro

Narrador

Recriação inspirada na obra *Cota não é esmola*,

de *Bia Ferreira*.

# PRIMEIRO ATO

## CENA I

Narrador: O que alguém precisa fazer para ter uma vida digna? Essa resposta dependerá mais de como é a pessoa em questão do que pelo fato de ser um ser humano. Um pequeno lembrete da realidade da vida. Poucos sabem qual é a sensação de ser vigiado a todo momento em bares, lojas, supermercados ou qualquer outro estabelecimento; é aquela angústia inesperada que vem quando se passa em bairros chiques. Não sabe como é? Bom, a Beatriz sabe assim como todos iguais a ela.

Betânia (Tentando esconder a tristeza na voz): Veja como o dia está lindo, filha! A noite nunca decepcionou, só que esse dia deixou a desejar.

Beatriz (Sonolenta e triste): Realmente está lindo, mas o que tem para comer?

Betânia: Comprei pão ontem, está no armário.

(Betânia estava lavando a louça, mas percebeu que a filha estava bem distraída e aquilo não era surpresa)

Betânia (Mais enfática): Filha, o pão está no armário. (Aproxima-se da filha) Beatriz, deixa isso de lado, por favor, ficar lembrando não te fará bem.

Beatriz (Tentando não chorar): O que fizeram foi injusto, mãe. Ficaram me acusando de roubo sem eu ter feito nada!

Betânia (Emocionada): Calma, tudo vai se resolver, meu amor, tenha um pouco de fé, filha.

Beatriz: E se não der tudo certo?

Narrador: Betânia deu outro beijo na filha e por mais que queira, sabe o quão cruel podem ser as pessoas. A sua vida foi marcada quando perdeu o marido para uma briga de bar. Quem o matou foi solto e não teve nenhuma consequência para seus atos, mas Betânia sofreu a todo momento.

Betânia: Vamos conseguir dar um jeito nisso e nunca mais passaremos por isso novamente. Agora coma algo antes de sua aula.

(Betânia abraça mais uma vez a filha e pega o pão no armário)

Beatriz: Mãe, poderia me dar dinheiro para o ônibus? Achei que tivesse o suficiente para esse mês, mas não tenho.

Betânia: Sinto muito, filha, mas usei tudo que tinha nas compras esse mês.

Beatriz: Acho que vou ter que ir andando então.

Betânia: Cuidado, filha.

Beatriz: Não se preocupe, mãe, eu sei me cuidar bem.

Betânia: Te amo, filha.

Beatriz: Também te amo, mãe.

## CENA II

Narrador: A escola ficava bastante longe da casa de Beatriz, mas ela já estava acostumada com isso. Enquanto andava passou por um grupo de pessoas e no meio viu sua amiga Mariana, o grupo de amigos de Mariana é composto por jovens que faltam muitas aulas e têm pouco interesse nos estudos.

Beatriz: Mariana, não vai pra escola?

(Mariana parecia não ter percebido a amiga até aquele momento)

Mariana: Não sei ainda, mas acho que vou faltar.

Beatriz: Você já faltou a semana quase toda, vai acabar reprovando assim.

Mariana (com uma cara de descontentamento e tristeza): Você é uma chata, mas ainda te amo.

(As duas meninas começam a rir e vão andando para a escola. O caminho era longo, mas calmo pelo menos era a maior parte do tempo. Enquanto caminhavam, gritos começaram a ecoar pela rua e um homem passou pelas meninas correndo e derrubando Mariana no chão)

Senhora (agitada e aos gritos): Peguem ele! É um bandido!

(Beatriz ajudou Mariana a levantar do chão e uma senhora veio correndo gritando muito, as meninas ficam sem reação vendo o criminoso virando a

esquina, após alguns segundos houve dois disparos e uma sequência de gritos e pessoas desesperadas correndo. Cada vez mais aquela rua era inundada pelo caos, todos estavam fugindo de perto do que tinha acontecido)

Beatriz (Desesperada): Liga para a polícia, Mariana.

Mariana (Muito nervosa): Estou ligando, Bia, está chamando. Alô, por favor, teve um assalto e tiros na rua Honestino Guimarães.

Narrador: Beatriz estava com medo, mas a dúvida de ter alguém machucado ou não foi maior que o próprio medo. Ela correu para a esquina, desaparecendo entre as pessoas em pânico.

Mariana (Gritando): Beatriz, volta! Cuidado, por favor.

Narrador: Quando Mariana finalmente conseguiu alcançar a amiga, ela a viu segurando um garoto, parecia familiar, mas sua atenção foi direcionada para o sangue na barriga dele. O garoto estava agonizando de dor.

Luciano (Desesperado e sem forças): Por favor, não atire...

Bandido (Violento): Cala a boca antes que eu atire!

Beatriz: Por favor, não mate a gente.

Bandido: Cala a porra da boca!

Beatriz: Ele está morrendo, por favor me deixe tirá-lo daqui.

Bandido: Não se mexa e fique parada! Se der um movimento, atiro em vocês!

Narrador: Beatriz estava chorando e o garoto aos poucos ficava sem forças, Mariana se viu em uma situação muito arriscada, queria sair daquele lugar, mas não conseguia abandonar a amiga. Sair agora poderia fazer com que o bandido atirasse nela ou em Beatriz. Mariana estava completamente em pânico, mas, olhando para mais longe, via um corpo deitado no chão com uma poça de sangue surgindo. Sirenes surgiram ao longe e o criminoso entrou em pânico. Beatriz se sentiu aliviada, mas o jovem quase não respirava.

Bandido (Nervoso): Merda!

Beatriz: Ei, garoto, fala comigo, por favor, não fecha os olhos.

(Beatriz tentava muito manter o garoto acordado, mas saía muito sangue de sua barriga.)

Luciano (Muito fraco): Obrigado por não me deixar sozinho...

Beatriz: Continua conversando comigo. (O garoto fechou os olhos e ficou calado). Me diz o seu nome, me conta quem é você.

Luciano: Luciano.

(Um carro da polícia aparece e dois policiais saem apontando a arma para o bandido, um dos policiais chama uma ambulância pelo seu rádio)

Policial 1: Parado.

Policial 2: Larga a arma agora!

Bandido: Eu vou atirar neles! Fiquem longe!

Beatriz (Chorando): Por favor, não atire, não posso deixar minha mãe sozinha.

Narrador: O bandido ficava cada vez mais ansioso, o medo e o pânico estavam muito visíveis naquele homem. Mariana tremia de medo enquanto via tudo isso, mas quando o bandido olhou para os policiais não pensou duas vezes antes de sair correndo para longe do caos.

Bandido: Vou atirar!

Policial 1: Não atira, me deixa tirar pelo menos os civis daqui.

(O ladrão, mesmo relutante, deixou um dos policiais se aproximar de Beatriz e Luciano, enquanto o outro apontava a arma diretamente para o bandido)

Policial 1: Você está bem, garota?

Beatriz: Estou, ajuda ele, por favor.

(O policial tenta estancar o sangramento, mas Luciano perdeu muito sangue)

Policial 1: Temos que ir para o hospital agora ou ele vai morrer.

(O Policial 2, que ficou perto do carro, atira no bandido. O homem não teve tempo de reação antes da bala acertar seu peito)

Policial 2 (Gritando): A ambulância chega em dois minutos!

Narrador: Beatriz apenas vê tudo isso, não aguenta e começa a chorar muito diante de todo aquele sangue, tanto em sua roupa como no chão. Um homem acabou de morrer em sua frente e naquele momento ela percebeu o quão cruel era a vida de quem vivia ali. Nascer pobre era uma coisa, mas agora ser negro e pobre é totalmente diferente. No fundo ela sabe que, no fim das contas, muitos podem acabar assim. Finalmente a ambulância chega para socorrer o garoto, mesmo com pouco pulso, ainda era possível salvá-lo. O outro policial se aproxima de Beatriz.

Policial 2: Você está bem?

Beatriz: Estou, mas cadê minha amiga?

Policial 2: Venha comigo, por favor.

(Beatriz acompanha o policial e a poucos metros tinha uma mulher morta no chão, Beatriz entrou em choque, mas ficou aliviada quando percebeu que não era Mariana)

Beatriz: Me desculpe, mas essa não é a minha amiga.

Policial 2: Sabe quem é?

Beatriz: Não.

Mariana (Correndo em direção à amiga): Beatriz, Beatriz!

(Escutar a voz de Mariana a chamando a fez chorar um pouco, a felicidade de ver a amiga era enorme)

Policial 2: Meninas, preciso que me acompanhem à delegacia, quero que deem seus depoimentos.

(Saem todos de cena)

### CENA III

Narrador: Depois de darem os seus depoimentos, foram dispensadas. Mariana estava bem, mas Beatriz parecia apática e mal falava com a amiga.

Mariana: Bia, fala comigo, por favor.

Beatriz: Só quero ir para casa.

Mariana: Tudo bem, mas se quiser conversar estou aqui. Hoje foi um dia agitado, né?

Beatriz (Entristecida): Muito.

Mariana: Ainda bem que a delegacia é perto da minha casa, né, Beatriz? Vou levar você para casa.

## CENA IV

(Beatriz está sentada na cozinha estudando muito. Betânia aparece preocupada com a filha)

Betânia: Filha, não acha que está estudando muito? Não teve um único intervalo.

Beatriz: Preciso estudar mais.

Betânia: Quando quiser conversar, estarei aqui filha.

(Depois de alguns minutos Beatriz fica estressada com tudo aquilo e começa a chorar)

Beatriz (Chorando muito): Odeio essa vida, tento de tudo para ser uma boa pessoa e não adianta. O que vou precisar fazer para conseguir viver? (Desabafando) Trabalho tanto pra ter dinheiro e manter a gente, faço tudo que posso e mesmo assim parece tão pouco. (Suspira, triste, levanta a mão e começa a observar) Talvez se eu tivesse nascido diferente, as coisas fossem mais fáceis, quem sabe minha mãe não precisasse trabalhar tanto limpando a casa dos outros, talvez a gente vivesse bem ou pelo menos não tivesse que decidir quais contar pagar primeiro. Tudo gira em torno do dinheiro e não temos nada.

(Betânia tenta não incomodar a filha, mas acaba fazendo barulho)

Beatriz: Mãe? Há quanto tempo está aí?

Betânia: Acabei de entrar na cozinha, vim pegar um pouco de água.

Beatriz: Mãe, desculpa ter ficado estranha, estava pensando em tantas coisas.

Betânia: Filha, está tudo bem, aconteceram tantas coisas ultimamente que é compreensível a sua reação.

Beatriz: Obrigada por me entender, mãe.

Betânia: Te amo, filha, quando precisar sempre estarei aqui pra ajudar. (Betânia abraça a filha com muito carinho)

Beatriz: Acho que vou para a escola amanhã, tenho teste de história essa semana.

Betânia: Tem certeza?

Beatriz: Sim.

Betânia: Tudo bem, meu bem, mas tome muito cuidado amanhã, tá?

Beatriz: Pode deixar, mãe, eu sei me cuidar.

Betânia: Te amo muito, filha, você é a minha vida.

## CENA V

Beatriz: Mãe, estou indo pra escola.

Betânia: Tudo bem, filha, cuidado.

Beatriz: Ok, mãe.

Narrador: Beatriz seguiu o seu caminho normalmente e, quando chegou na esquina em que viu aquele homem morrendo, ficou apreensiva e quase não conseguiu andar. Quando chegou nela, respirou fundo e continuou o caminho. O trajeto era o mesmo, mas Beatriz levou muito tempo para chegar à escola, pois ficava pensando se realmente valia a pena ir para lá.

Porteiro: Vou fechar o portão.

(Beatriz anda mais rápido, mas o guarda fecha o portão quando ela chega)

Beatriz (Implorando): Por favor, me deixe entrar, tenho teste hoje.



Porteiro: Eu avisei que ia fechar o portão.

(O diretor da escola passa por perto)

Beatriz: Diretor, me deixa entrar.

Diretor Caio (Autoritário): Por que está chegando agora? O sinal já bateu.

Beatriz: Na hora que cheguei, ele fechou o portão. Por favor, me deixe entrar, tenho teste hoje.

Diretor Caio (Compreensível): Vou deixar você entrar, mas se chegar atrasada mais uma vez não vai entrar, ouviu?

Beatriz: Obrigada, diretor.

(O segurança abre o portão e Beatriz vai para a aula de matemática. Beatriz se preparou antes de entrar na sala da professora Cintia. Beatriz sabe o que a espera assim que entrar nessa sala)

Beatriz: Com licença, posso entrar, professora?

(Cintia olha de cima a baixo Beatriz e faz uma expressão de nojo ao ver a aluna)

Cintia: Mais uma vez chegando atrasada né dona Beatriz? O incrível que é sempre acontece justo na minha aula.

Beatriz: Desculpa, prof, isso não vai acontecer de novo!

(Cintia continua olhando para Beatriz e depois dá um sorriso para ela)

Cintia: Tudo bem, pode entrar, querida, mas, antes de sentar, pode responder à questão que está no quadro?

(Beatriz olha para o quadro e vê que é conteúdo novo)

Ana (Indignada): Professora, você acabou de passar esse conteúdo, como ela vai saber?

Cintia (Debochada): Quer responder no lugar dela, Ana?

Ana: Não, não sou obrigada a responder isso.

Cintia: Por acaso quer uma advertência?

Ana (intimidada): Não, desculpa.

Cintia (Olhando para Beatriz): Não vai responder?

Beatriz: Não consigo, professora. (Beatriz fica muito chateada)

Cintia: Além de chegar atrasada, é burra, como acha que vai se formar assim?

(Cintia estava com uma voz tão doce mesmo falando coisas horríveis e alguns alunos riram dela. Beatriz vai se sentar mesmo com muita vergonha. A professora fica rindo de Beatriz até ela se sentar)

Cintia: Continuando a aula...

(Depois de muito tempo, o sinal toca)

Cintia: Bom, alunos, por hoje é só, mas vou deixar uma lista de exercícios como atividade de casa, quero para a próxima aula. Tchau, até terça.

(Os alunos começam a conversar muito)

Ana: Odeio essa professora, mano, velha chata.

Luiz (Rindo): Calma, Ana, a professora não tem culpa de você ser burra.

Ana (Irritada): Cala a boca, Luiz.

Felipe: Vocês estudaram para o teste de história?

Ana: Que teste, Felipe?

Felipe: O teste que ele disse que ia passar, eu não estudei e vocês?

Ana: Ninguém estudou aqui.

(O professor Sérgio entra na sala acompanhado de outro homem)

Beatriz: O senhor vai passar o teste agora?

Sérgio (Serenamente): Não, Beatriz, na última aula, tinha prometido trazer um amigo da faculdade. Esse é o professor Sílvio, ele dá aula sobre Direito Civil.

Sílvio: Boa tarde, alunos, vim falar sobre algumas coisas para vocês. Tinha planejado algo diferente, mas, como muitos já sabem sobre a fatalidade que ocorreu essa semana, gostaria de conversar sobre isso. Alguém aqui conhecia as vítimas?

Bento (Levantando a mão): Conversamos algumas vezes enquanto saímos da escola, eu conhecia a namorada dele também.

Sílvio: Sabe o que aconteceu?

Bento: Não, só me contaram que ele e a namorada levaram um tiro.

(Beatriz teve vontade de vomitar quando lembrou da cena, aquilo ficaria na sua cabeça para sempre)

Luiz: Tudo bem, Beatriz?

Beatriz (Tentando disfarçar): Sim, Luiz.

Felipe: Beatriz, o garoto morreu perto da sua casa, por acaso viu algo?

Sílvio: Jovem, você está bem? Está um pouco pálida.

Narrador: Beatriz não aguenta e sai da sala correndo. Vai para o banheiro e lava o rosto, sua respiração fica ofegante e as mãos, trêmulas.

Beatriz: Deveria ter ficado em casa.

Narrador: Ter que ouvir sobre o que aconteceu era demais para ela, já não bastava os seus problemas anteriores. Beatriz sabe que foi culpa dela, se não tivesse ido ver o que tinha acontecido talvez não estaria surtando. Sentia uma dor no peito e uma falta de ar, já não conseguia controlar.

Diretor Caio: Beatriz, sou eu, o diretor, vem aqui falar comigo.

(Sem resposta)

Diretor Caio (Preocupado): Beatriz, você está bem?

(Ainda sem resposta)

Diretor Caio: Se não sair, eu vou entrar.

(Beatriz sai depois de alguns minutos, do lado de fora do banheiro tem alguns alunos observando, o diretor e os professores Sílvio e Sérgio estão lá também)

Diretor Caio: Vamos para minha sala conversar. Professor Sérgio, pode voltar para sala de aula? Eu cuido disso.

Sérgio: Tudo bem.

(Diretor Caio, Sílvio e Beatriz vão para a sala da direção)

Diretor Caio: Quer contar o que aconteceu?

(Beatriz fica de cabeça baixa chorando um pouco)

Diretor Caio: Já chamamos a sua mãe.

Beatriz (Levanta a cabeça muito nervosa): Não precisava chamar a minha mãe, ela deve estar trabalhando.

Diretor Caio: Está tudo bem.

Beatriz: Diretor, já estou melhor, minha mãe não precisa vir.

Sílvio: Por que saiu correndo?

(Beatriz fica em silêncio)

Sílvio: Olha, é normal ficar traumatizada depois de ver alguém ser baleado.

Beatriz: Eu o vi no chão sangrando muito, ele estava morrendo aos poucos.

Diretor Caio (Arrasado): Sinto muito por isso.

Beatriz: Mas isso não importa agora. Tudo que aconteceu não pode ser desfeito.

Sílvio: Acho que você precisa de terapia.

Beatriz: Como acha que vou pagar por isso, professor? Fui demitida há duas semanas por ser acusada de roubo e minha mãe já trabalha muito apenas para colocar comida na mesa.

Diretor Caio: Você precisa de ajuda.

Beatriz: Já tenho problemas demais, isso já me deu muito problema. Sabe quantas vezes já tive que ver pessoas morrendo? Muitas, eu moro onde a polícia não se importa com a nossa segurança. Todos os dias eu posso morrer por causa de uma bala perdida e o que fazem? (Enfática) Nada! Sabe por quê? Porque a maioria tem a pele escura demais para ser considerada uma pessoa digna pela sociedade.

Diretor Caio: Não era para ser assim...

Beatriz: Mas é, diretor. Essa é a minha realidade, a realidade de várias pessoas. Somos esquecidos na sarjeta, somos rotulados como criminosos, prostitutas e viciados, ninguém se importa de verdade. Cansei de todos vocês que fingem dar a mínima pra gente!

(Beatriz sai da sala limpando o rosto)



# MEDIDA POR MEDIDA

## NA ESCOLA

**ROTEIRO DA PEÇA MEDIDA POR MEDIDA, DE WILLIAM SHAKESPEARE,**

**RECRIADO E ADAPTADO POR:**

**Letícia da Silva Ferreira, Gabrielly Barbosa Vieira, Sarah Ribeiro Reis**

**Loureiro Lima e Kelly Castro**

**PERSONAGENS:**

**DIRETOR RICHARD**

**ESTUDANTE EMANNUEL (filho do diretor)**

**PROFESSOR de inglês DANIEL**

**ALUNA JÉSSICA**

**ALUNA JÚLIA**

**CLAÚDIO**

**FIGURANTE 1**

**FIGURANTE 2**

**FIGURANTE 3**

**FIGURANTE 4**

**NARRADOR**

## PRIMEIRO ATO

### CENA I

**Narrador:** No colégio São Patrício, em Brasília, havia se instalado muita falta de moral entre os alunos da escola.

**Diretor Richard:** Filho, você é meu filho mais velho e quero que você descubra coisas estranhas que estão acontecendo na escola. Se disfarce de aluno, descubra o que acontece e me informe.

**Emanuel:** Sim, pai, irei e ninguém saberá que sou seu filho.

### CENA II

**Narrador:** Então, Emmanuel é transferido para a turma do 2º ano e lá ele conhece Júlia.

**Emmanuel:** Oi, sou novo aluno da escola. Meu nome é Emanuel.

**Júlia:** Bom dia, sou a Júlia seja bem-vindo a nossa escola.

**Professor Daniel:** Oi, todos fizeram as atividades?

**Todos os alunos:** Sim, professor.

**Professor Daniel:** Júlia, quero falar com você pessoalmente depois da aula.



**(Júlia e Emanuel começam a cochichar)**

**Júlia: Eu não gosto desse professor.**

**Emanuel: Por quê?**

**Júlia: Esse professor pega no meu pé.**

**Emanuel: Eu irei com você quando for conversar com ele.**

**Júlia: Que bom, precisarei de sua companhia.**

**(No final da aula, Júlia e Emanuel falam com o professor)**

**Júlia: Sim, professor.**

**Professor Daniel: Quem é esse que está com você?**

**Júlia: É o novo aluno da escola.**

**Professor Daniel (Em tom de ordem): Não quero que vocês se sentem um do lado do outro. Eu não estou gostando do seu trabalho final, terei que reprovar você.**

**Júlia (Indignada): Que absurdo! Por quê, professor?**

**Professor Daniel: Me passe seu número de celular que te explico.**

**Júlia: Para quê?**

**Emanuel: Está aqui o número dela.**

**Narrador: Emanuel dá o número dele e não de Júlia. E todos saem.**

### **CENA III**

**Narrador: Na sala do professor, o Daniel começa a enviar mensagem para Emanuel achando que está falando com Júlia. E no outro dia...**

**Emanuel: Júlia, recebi a mensagem do professor. Ele quer te encontrar no ginásio da escola.**

**Júlia: O que eu faço?**

**Emanuel: Vá e eu fico escondido gravando a conversa.**

**Júlia: Combinado, então no final da aula iremos lá.**

**Narrador: Júlia se encontra com Daniel.**

**Professor Daniel (Com um tom malicioso): Que bom que você está aqui! Sei que você não é boa aluna de inglês. Para você passar de ano, vá até minha casa.**

**Júlia: Mande pelo celular a localização.**

**Professor Daniel (Satisfeito): Combinado.**

**Narrador: Conversa entre Júlia e Emanuel**

**Júlia (Revoltada): Você viu que estranho? O professor quer se encontrar comigo na casa dele. Que absurdo!**

**Emanuel: Muito bom você ter falado para mandar a localização em meu celular. Mas o que iremos fazer?**

**Júlia: Tive uma ideia! A Jéssica gosta desse professor. Então, eu irei mandar ela no meu lugar para pegar o conteúdo.**

**Emanuel: Então, combine com ela isso e me fale.**

## **CENA IV**

**Narrador: Júlia e Jéssica conversando.**

**Júlia: O professor Daniel quer que eu vá à casa dele para pegar conteúdo. Você pega o conteúdo pra mim?**

**Jéssica: Sim, claro, me passe o endereço.**

**Narrador: Jéssica irá para a casa de Daniel.**

## CENA V

**Jéssica (Alegre):** Oi, professor, a Júlia não pôde vir e pediu para eu vir em seu lugar.

**Professor Daniel (Decepcionado):** Eu não irei atender você. Pode ir embora.

**Jéssica (Chateada):** Ok, professor. Agora me fale por que você não aceita falar comigo?

**Professor Daniel:** Não posso atendê-la agora.

**Narrador:** No outro dia, durante a aula de geografia, professor Cláudio explica sobre a Amazônia.

**Professor Cláudio:** Vamos assistir a esse vídeo. Aí está a importância de proteger a Amazônia.

**Júlia (Entusiasmada):** Muito bom, professor, excelente aula! Você é um ótimo professor!

**Emanuel:** Concordo.

**Professor Cláudio:** Agora está no intervalo podem sair.

**Narrador:** No intervalo, Jéssica vai ao diretor.

**Jéssica: Diretor, você tem que tomar providências. O professor Cláudio está seduzindo a aluna Júlia. Está aqui a prova (mostra fotos e cartas de amor falsas). Afaste os dois da escola, porque irei denunciar.**

**Diretor Richard: Tomarei providências.**

## **CENA VI**

**Narrador: Diretor conversa com Júlia e Cláudio na sala da direção.**

**Diretor Richard (Muito sério): Quero que vocês se afastem da escola por um dia. Para conseguir resolver uma denúncia.**

**Professor Cláudio (Confuso): Que denúncia?**

**Diretor Richard: Você está seduzindo Júlia.**

**Professor Cláudio (Indignado): Que absurdo! Júlia gosta muito de minha disciplina e sempre vem conversar comigo, mas ela está sempre junto com o estudante Emanuel.**

**Júlia: Isso é verdade.**

**Diretor Richard: Será somente por um dia. Farei depois uma reunião com todos e tudo será esclarecido.**

**Júlia: Está bem, diretor.**

**Professor Cláudio:** Aguardarei essa reunião para que tudo seja esclarecido.

## **CENA VII**

**Narrador:** No outro dia, Jessica e Emanuel conversam.

**Emanuel:** Hoje não vieram nem a Júlia e nem o professor Cláudio.

**Jéssica (Satisfeita):** Bem feito! Não quero a presença deles aqui.

**Emanuel (Curioso):** Por quê?

**Jéssica:** Sem a Júlia posso conversar melhor com o professor Daniel.

**Emanuel:** O que você quer falar com ele?

**Jéssica:** Não é dá sua conta, mas hoje terei um encontro com ele na hora do almoço no restaurante Gula.

**Emanuel:** Ele sempre almoça lá.

**Jéssica:** Sim, e por isso estarei lá também.

## CENA VIII

**Narrador:** Emanuel aparece no restaurante, senta-se próximo e grava a conversa dos dois.

**Jéssica:** Boa tarde, professor. Percebi que está sozinho irei almoçar com você, tenho uma coisa importante para falar.

**Professor Daniel:** Boa tarde, o que você tem de importante para falar?

**Jéssica:** É sobre a Júlia.

**Professor Daniel:** Quero saber por que ela foi suspensa.

**Jéssica:** Sei de tudo. O professor Cláudio e a Júlia estão tendo um caso. (Mostra uma foto dos dois).

**Professor Daniel (Surpreso):** Não pode ser! Logo a Júlia.

**Jéssica:** Professor, esquece. Sei que você dá aula em um cursinho. Podemos nos encontrar lá depois?

**Professor Daniel (Seco):** Não.

**Jéssica (Em tom de acusação):** Eu sei de tudo. Você gosta da Júlia, não é?

**Professor Daniel (Apaixonado):** A Júlia é a pessoa mais linda que já conheci.

**Jéssica (Em tom malicioso):** Eu não tenho chance com você, né? Vamos queimar o filme dos dois na escola.

**Professor Daniel:** Boa ideia.

## **CENA IX**

**Narrador:** No outro dia, o diretor Richard faz uma grande reunião na escola e conversa com o professor Daniel, alguns alunos e o professor Cláudio.

**Professor Daniel (Acusando em tom moralizador):** O professor Cláudio fez um crime, não se pode seduzir uma aluna!

**Jéssica:** Isso mesmo, eu tenho provas. Aqui estão as fot...

**Emanuel:** Nem tudo é verdade...

**Jéssica:** Você é novato na escola e não sabe de nada!

**Emanuel (Interrompendo):** Agora revelarei a verdade! Eu não sou bem o que vocês pensam. Eu sou o filho do diretor.

**Julia (Surpresa):** O quê? Como você não me falou nada? Agora as peças estão se encaixando. Por isso, você me protegeu o tempo todo.



**Emanuel:** Eu sei de tudo e tenho todas as provas. O professor Daniel quis seduzir Júlia, tenho todas as conversas gravadas e todas as mensagens no meu celular.

**Professor Daniel:** O número do celular era o seu? Como não desconfiei?

**Emanuel:** E também gravei as conversas com a Jéssica. Eles fizeram um combinado para prejudicar Júlia e Cláudio, o que eles falam é mentira. E Jéssica está tentando seduzir o professor Daniel.

**Diretor Richard:** Meu filho já me mostrou e contou tudo com detalhes. Jéssica, você será transferida de escola e o professor Daniel não trabalhará mais aqui.

**(Júlia e Emanuel ficam sozinhos)**

**Emanuel:** Júlia, gostei muito do seu caráter, sua amizade, seu jeito de ser, você é muito especial para mim. E quero saber o que você acha de mim?

**Júlia:** Vejo você como... mais que um amigo.

**Emanuel:** Você aceita sair comigo hoje à noite?

**Júlia:** Sim, claro.

**(Todos batem palmas)**

*FIM*

# Medida por Medida

NA FÁBRICA



Roteiro adaptado e recriado por:

Maria Clara de Oliveira Rocha, Samuel Silva Lima de Melo e João Pedro  
Lopes Barbosa

**PERSONAGENS:**

Vicente – Dono da empresa que se disfarça de Marcos

Isabel – Secretária

Ângelo – Gerente

Lúcio – Operário 1

Marcos – Operário 2

Cláudio – Operário 3

Mariana – Operária 4

Recriação inspirada na obra *Medida por medida*,

de William Shakespeare.

## Primeiro Ato

### CENA I

Vicente: Então, Isabel, eu tô vendo muita corrupção nesta empresa.... preciso descobrir quem está por trás disso!

Isabel: E o que o senhor pretende fazer?

Vicente: Eu tenho um plano: vou dizer que vou fazer uma viagem e colocarei o Ângelo no meu lugar.

Isabel: Você vai mesmo viajar quando a empresa mais precisa de você?

Vicente: Não vou viajar de verdade... apenas fingir. Vou me disfarçar de Operário e ficar aqui pela empresa. Desse modo, consigo testar a lealdade de Ângelo e descobrir o culpado por esses desvios de mercadoria e de dinheiro.

Isabel: Gostei da ideia! Muito sutil e inteligente. Bem pensado, senhor!

Vicente: Obrigado! Pode preparar a papelada da contratação, por favor? Invente algum nome e coloque no sistema. Pode também avisar o Ângelo que quero falar com ele?

Isabel: Claro, pode deixar, chefe.

### CENA II

(Ângelo Bate na porta)

Ângelo: Queria falar comigo, chefe?

Vicente: Sim, entre e sente-se, por favor. (Ângelo entra e se senta)

Vicente: Então, vou direto ao ponto, eu te chamei aqui porque queria dizer que vou fazer uma viagem importante, e, como não posso deixar a empresa sem ninguém no comando, quero saber se você aceita ocupar o meu lugar enquanto eu estiver fora.

Ângelo: Aceito, sim, senhor. Com certeza! Muito obrigado pela confiança.

### CENA III

[Vicente já tinha saído de viagem]

Operário 1 (Lúcio): Olá, você deve ser o novo operário, ouvi falar que você viria.

Operário 3 (Vicente disfarçado): Oi, sou o Marcos. E, então, tem muito tempo que você está na empresa?

Lúcio: Tem sim. Eu trabalho aqui desde que a empresa abriu, passei por todos os seus altos e baixos, a conheço melhor do que a mim mesmo.

Marcos: Interessante.... e o tal do chefe? Ouvi dizer que quase ninguém vê ele.

Lúcio: Realmente, ele é alguém bem reservado, e parece não se importar muito com a gente também não. As nossas condições de trabalho são péssimas, e nem salário ganhamos direito e trabalhamos feito escravos. Não sei por que decidiu trabalhar aqui,

rapaz, mas tenho certeza de que vai se arrepender em um dia. Mas agora chega de papo e vamos trabalhar senão daqui a pouco vão tirar do nosso salário.

#### CENA IV

Ângelo: Isabel, você já viu esses dados? (Ângelo aparece com uma planilha em mãos)  
Tem algo errado, estão faltando mercadorias.

Isabel: Eu sei disso, o senhor Vicente descobriu que tem alguém aqui dentro desviando mercadorias, e ele tá tentando descobrir o culpado há algum tempo.

Ângelo: Entendi, tá bom, então. Muito obrigado.

(Ângelo desce para tomar um café e escuta uma conversa entre Cláudio e Mariana)

#### CENA V

Ângelo: Isabel, mande chamar Cláudio na minha sala!

Isabel: Tá bom, mas há algum motivo específico? O senhor parece meio alterado.

Ângelo: Acho que descobri quem está roubando a empresa e desviando dinheiro.

#### CENA VI

(Batidas na porta)

Isabel: Trouxe o Cláudio, como o senhor pediu.

Ângelo: Obrigado, pode ir.

(Isabel ouve escondida atrás da porta)

Cláudio: Qual o motivo do senhor ter me chamado?

(Cláudio entra e se senta de frente para Ângelo)

Ângelo: Pode parar de fingimento, já sei de tudo, sei que é você que está nos roubando e desviando dinheiro da empresa. Cláudio Fernandes, você está demitido!

Cláudio (indignado): Calma, o quê? Como assim roubo? Desvio de dinheiro? Eu não fiz isso, o senhor deve estar enganado.

Ângelo: Eu sei que foi você, pare de mentir! Agora se retire e vá embora daqui. Toma a papelada da sua demissão.

(Ângelo entrega alguns papéis para Cláudio que vai embora indignado)

## CENA VII

(Isabel se encontra escondida com Vicente e conta tudo para ele)

Vicente (espantado): Ele demitiu o Cláudio? Mas estamos com poucos funcionários, não podemos perder gente assim, vai diminuir os lucros.



Isabel (irritada) : Você só se preocupa com isso, né? Que tal parar um pouco de pensar só no dinheiro e pensar na vida desses funcionários, hein? Já viu a condição em que eles vivem? Não possuem nem plano de saúde, nem vale-transporte, nem vale-alimentação ou refeição. Ganham um salário mínimo para ficarem 9 horas por dia trabalhando em uma empresa que está em péssimas condições. Na semana passada, um funcionário se machucou em uma das máquinas que deveria ter recebido manutenção há 3 anos. Você só liga pra si mesmo e pro seu bolso, você age exatamente como um corrupto, e olha que tá tentando encontrar um!

(Isabel sai furiosa)

Narrador: Marcos sai falando com vários funcionários da empresa e vai descobrindo inúmeros defeitos. Para ele, tinha ficado claro que seus funcionários realmente trabalhavam em péssimas condições. Ele percebeu que Isabel estava certa e vai falar com ela novamente.

## CENA VIII

Vicente: Isabel, você estava certa, devo pensar mais nos meus funcionários, e pode ter certeza que vou mudar muitas coisas por aqui.

Isabel: Pra melhor, eu espero.

Vicente: Sim, pra melhor. E tem uma coisa que eu descobri enquanto falava com alguns operários, e eles me contaram bastante coisa, você ficará sabendo em breve, mas por agora apenas anuncie que eu vou "voltar" e reúna todos os funcionários, inclusive o Ângelo, quero fazer um pronunciamento.

Isabel: Tá bom, confio no senhor.

## CENA IX

(No dia seguinte, com todos reunidos em um salão da fábrica, Vicente aparece para todos, revelando seu disfarce)

Todos: Oh! (murmurinhos)

Vicente: Peço a atenção de todos, por favor. Pra quem não me reconhece sou o Vicente, dono desta empresa, e pelos últimos dias fingi fazer uma viagem para me disfarçar de operário Marcos e tentar descobrir quem estava roubando a empresa. Coloquei Ângelo no meu lugar, para testar sua lealdade e ver se ele realmente merecia o cargo de gerente. E durante a minha "ausência", Ângelo demitiu Cláudio, um dos operários, o que ele alegou foi que havia descoberto que era Cláudio por trás de toda essa corrupção. Porém, ele está errado! Não foi Cláudio quem desviou produtos da empresa. (Apontando para Ângelo) Foi o próprio Ângelo!

(Mais murmurinhos)

Ângelo: O quê? Eu? Andou bebendo, chefe? Por que eu roubaria a empresa?

Vicente: Pra conseguir mais dinheiro com isso, você pega as mercadorias aqui e vende pra uma loja por um preço bem mais alto.

Ângelo: Não pode me acusar assim sem mais nem menos, você nem mesmo tem provas!

Vicente: Na verdade eu tenho sim. Lúcio?

Lúcio: É verdade! Eu ouvi você ao telefone falando em uma conversa bastante suspeita na qual você falava um horário, um local e sobre um valor bem cheio.

Ângelo: Isso não prova nada!

Lúcio: Eu fui no local exato, aqui perto da empresa, no horário que você tinha falado e vi um homem te entregando uma maleta. Vi você abrindo, dentro estava cheia de dinheiro. Eu tenho até uma foto pra provar.

Vicente (mostrando a foto): Não só isso, Mariana e Cláudio viram você conversando com o motorista do caminhão que leva as mercadorias para seus destinos. Você entregou pra ele uma rota diferente, ele já sabe para onde deve ir, e você não tem nada a ver com a transportaçã de mercadorias, não é sua função. Então, não teria nenhum motivo para estar ali.

Mariana: você deixou cair uma cópia da rota, que dá em um depósito, assim como vi você no dia em que demitiu Cláudio, você estava escondido e nos ouviu falar que suspeitávamos de você. Então, demitiu Cláudio para ele não te expor, não é mesmo? Planejava me demitir também, não é? Mas como não se pode demitir mais de um operário por mês, não pôde fazer isso.

Ângelo: Sim, é verdade, eu fiz tudo isso sim, e essa empresa é uma bosta que não presta nem pra roubar.

Vicente: Ângelo, você está demitido e está preso por corrupção, abuso de poder, roubo

e desvio e lavagem de dinheiro. Deveria ser por hipocrisia também.

(Na hora entram policiais que levam Ângelo preso)

Vicente: Só mais uma coisa, a partir de hoje haverá mudanças nesta empresa: aumento de salário, melhoras no ambiente de trabalho, reforma das máquinas e muitas outras coisas.

(Todos os funcionários comemoram)

Narrador: Cláudio voltou a trabalhar na empresa, Vicente passou a ser um ótimo chefe, as condições dos trabalhadores melhoraram, Ângelo foi solto, mas teve que fazer serviços comunitários e todo o dinheiro foi devolvido para empresa.

## CENA X

Vicente: Deu tudo certo no final.

Isabel: Deu sim, fico feliz, senhor

Vicente: Isabel... quer sair pra jantar?

Isabel: Haha, veremos...

# *SONHO INTERROMPIDO*



Roteiro adaptado e recriado por:  
*Gustavo Vieira, Lorena Galindo e Glauco Rodrigues*

PERSONAGENS:

Shakira

Zendaya

Isabela

Juan Carlos

Edward

Mirabel

Narrador

Recriação inspirada na obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

# PRIMEIRO ATO

## CENA I

(Shakira, sozinha, avista muitas pessoas assistindo a um grupo de jovens dançando na rua e decide parar para ver)

Zendaya (Ensinando passos de dança): Bora, gente! Pra lá, pra cá... agora pula, dá uma giradinha, para e finaliza com cambalhota...

(Zendaya vê a Shakira assistindo à apresentação e a chama para dançar)

Zendaya: Ei! Você de blusa rosa, vem dançar com a gente... Só falta uma pessoa pra completar a dupla comigo.

Shakira (Perdida na situação): Quem, eu?

Zendaya: Sim, você mesma... vem pra cá!

(Shakira aceita o convite, mesmo envergonhada, e decide se integrar ao grupo)

Shakira: O que eu tenho que fazer?

Zendaya: Primeiro, você vai para a esquerda, depois para a direita... aí agora pula, dá uma giradinha e finaliza com uma cambalhota.

(Os pais de Shakira observaram ela dançando com um grupo à noite no meio da rua, e vão até lá para chamar sua atenção. Ao questioná-la, ele

percebe um clima estranho entre Shakira e Zendaya, e logo corta o momento)

Juan Carlos (Irritado): Shakira, o que você está fazendo no meio da rua, com esses pobres favelados? Já pedi pra não se enturmar!

Shakira (Assustada): Pai, me chamaram pra completar o grupo e eu apenas aceitei. Não precisa me envergonhar na frente de todos com esses seus preconceitos tolos que não chegam a lugar nenhum!

Juan Carlos: Respeite-me e fale direito comigo, ou tá achando que está falando com esses seus “amiguinhos” de rua? Vamos, entre no carro agora!

(Zendaya grita para Shakira)

Zendaya: Shakira, dançamos aqui todas terças e quintas neste mesmo horário. Volte mais vezes, sempre será bem-vinda!

(Shakira vai responder, mas seu pai a interrompe)

Juan Carlos: Podem ficar tranquilos, pois ela nunca mais aparecerá neste maltrapilho que vocês chamam de lugar.

## CENA II

(Chegando em casa, Juan pede para que a Shakira vá para o quarto)

Juan Carlos: Passe para o seu quarto, que terei uma conversa séria com sua mãe, a respeito de sua punição.



Shakira: Mas pai...

Juan Carlos (Interrompendo): Calada!

(A mãe de Shakira começa a brigar com Juan, e Shakira escuta tudo de seu quarto)

Isabela: Não apoio ela andar com aquele grupo, mas não queria que a Shakira tivesse passado por aquela situação ridícula e também acho que não precisava ter ofendido ninguém daquele jeito.

Juan Carlos: Você não tem que achar nada! Quando sua opinião for para melhorar a correção da nossa filha, a gente conversa, ok?!

(Todos saem de cena)

### CENA III

(Passaram-se dois dias, quando Shakira decide sair pela janela do seu quarto escondida. Seu pai escuta um barulho e vai direto ao quarto de sua filha)

Juan Carlos (Gritando): Isabela! Onde está a Shakira?

(Juan nem espera pela resposta de Isabela, já pega a chave do carro e sai correndo desesperadamente atrás de sua filha. Enquanto passava na rua, avistou o mesmo grupo de jovens da última vez, e não pensou duas vezes em conferir se ela estava lá. Desceu do carro, viu a filha e foi em sua direção)

Juan Carlos: O que você está fazendo aqui de novo, Shakira? O que eu havia lhe falado naquele dia?

Shakira: Ai, pai, eu não estava me sentindo bem lá em casa, vivia trancada dentro do meu quarto... Eu já estava cansada de me sentir tão sozinha!

Juan Carlos: Entre no carro, quero conversar com você durante o caminho!

(Shakira se despede do grupo, e Zendaya lhe dá um abraço longo, apertado e afetuoso)

Juan Carlos: Não precisa abraçar a minha filha assim! Eu não quero ver você triscando nela de novo. Estou deixando bem claro, pra que não haja uma próxima vez! Caso isso aconteça novamente, não me responsabilizo pelos meus atos!

(Ao entrarem no carro, Juan desabafa sobre algo nada interessante para Shakira)

Juan Carlos: Filha, não quero brigar com você, pois eu tenho uma notícia muito boa pra lhe contar. Eu e sua mãe temos um amigo de infância que tem um filho que é empresário de um banco, e recebe um valor muito alto em dinheiro. Conversamos com o pai dele, e foi decidido que iniciaremos um relacionamento entre vocês dois o mais rápido possível.

Shakira: Pai, o que vocês resolveram, foi bom pra vocês, mas acho que não perceberam que em nenhum momento pensaram em mim e no filho do seu amigo.

Juan Carlos: Shakira, não seja boba. Eu e sua mãe já decidimos que será assim e ponto final! Amanhã vocês dois terão um encontro marcado em um restaurante muito chique. E não ouse sequer, armar algo contra o que já foi acordado!

(O silêncio tomou conta do carro, e, assim que chegaram em casa, Shakira correu para o seu quarto e bateu a porta com força. Mirabel se preocupa com a reação dela e vai até a jovem para poder conversar)

Mirabel: O que aconteceu, minha querida? Por que está chorando?

Shakira (Chorando): Ai, Mirabel, meu pai quer me forçar a ter um relacionamento com o filho de um amigo dele que nem conheço, só pelo fato dele ser bem sucedido! Ele não me escutou em momento algum pra saber se eu realmente queria aquilo. Tá muito difícil ter que engolir essa situação constrangedora que irei passar amanhã quando eu me encontrar com o menino que nem sei o nome em um restaurante.

Mirabel: Uai! Mas os seus pais estão pensando no melhor pra você e pro seu futuro, não acha? Hoje em dia, minha querida, tudo está difícil, não tá fácil pra ninguém. Dê uma chance ao encontro amanhã e se permita viver essa experiência, vai que dá certo, né?

Shakira: Eu não quero ir! E você não entenderia o motivo! Não acharia ruim resolverem algo por você, sem nem estar presente no momento?

Mirabel: Com certeza! Mas eu não teria escolha, assim como você não está tendo. Não quero que entenda que estou do lado do seus pais, só quero que conheça o menino pra que depois o julgue caso não dê certo.

Shakira: Mirabel, agradeço do fundo do meu coração pelas suas palavras, mas, neste momento, eu só queria ficar sozinha, por favor!

(Mirabel balança a cabeça concordando e sai do quarto)

## CENA IV

(Passou o dia, Shakira se mantém retraída e sem vontade de ir ao encontro, mas se arruma e seu pai a leva em direção ao local combinado. Chegando lá, encontrou o menino e Juan lhe falou o nome dele pela primeira vez)

Juan Carlos: Vá em frente, minha garota, o nome dele é Edward, não se esqueça!

(Shakira sai sem se despedir)

Edward: Oi, muito prazer, meu nome é Edward. Como se chama?

Shakira (Seca): Oi, meu nome é Shakira...

Edward: Nossa, você é muito linda!

(Shakira deixa-o no vácuo)

Edward: Bom... vamos pedir o que pra comer?

Shakira: Você que sabe.

Edward: Vamos pedir o cardápio, e iremos escolher juntos.

(Edward chama o garçom)

Shakira (Educada e fria): Com licença, pode escolher o que achar melhor. Preciso ir ao banheiro!

Edward: Tá bom. Vou escolhendo então!

(Shakira encontra uma janela no banheiro, e decide fugir, sem nem pensar duas vezes)

(Passaram-se cinco minutos... Dez minutos... Trinta minutos e Edward preocupado, decide ligar pro pai de Shakira)

Edward: Oi, senhor Juan, eu estou aqui no restaurante já faz mais de trinta minutos, e a Shakira foi ao banheiro e não voltou até o momento. Acho que ela fugiu! E agora?

Juan Carlos: O quê? Não acredito que ela fez isso de novo comigo! Mais uma vez traiu a minha confiança, mas pode ficar tranquilo, assim que eu encontrá-la, mandarei uma mensagem a você. Mil desculpas por esta vergonha que ela me fez e te fez passar! Até a próxima.

(Juan sai desesperado atrás de Shakira, e perto do restaurante onde foi o encontro, tinha uma competição de dança acontecendo, onde o grupo de Zendaya se apresentaria também. Ele parou o carro, e foi andando até o lugar para não chamar muita atenção. Depois de muito tempo procurando Shakira, encontrou-a chorando e gritando para Zendaya. E ele sai correndo em direção a Zendaya, e começa a chutar e bater nela sem parar)

Juan Carlos: (Batendo em Zendaya e gritando): Eu falei pra você não triscar na minha filha! Falei pra ficar longe dela, mas você insistiu, então agora vai aguentar as consequências!

Shakira (Desesperada): Pare, pai, você vai matar ela! Não precisa disso, ela só estava me ajudando. Para com isso, por favor, nem que seja por mim!

Narrador: Todos que estavam assistindo às competições ficaram espantados, e muitos na hora do desespero, ligaram para a polícia. A polícia infelizmente chegou tarde demais, quando ainda Juan não havia parado de bater em Zendaya. Ele foi algemado e o bombeiro foi acionado. Tentaram reanimar Zendaya, mas ela já estava morta por levar muitas pancadas na cabeça. Ele pegou pena de 28 anos na prisão por homicídio doloso, pois teve a intenção de matá-la. Todos que presenciaram o ocorrido viraram testemunhas contra o Juan, inclusive a esposa Isabela e sua filha Shakira. Ambas tiveram que se mudar de cidade por sofrerem constantes ameaças de morte pelo povo e não puderam comparecer ao enterro de Zendaya.

**FIM**

# UM INIMIGO DO POVO

*um reino em apuros*



**UM INIMIGO DO POVO: um reino em apuros**

**Roteiro de Jonas Vinícius Barbosa, Larissa Ribeiro Viana e Adryane Coimbra  
Alexandre**

**PERSONAGENS**

RAINHA ELIZA. **LARISSA**

PRINCESA ELIZABETH. **ADRIANI.**

REI EDUARDO. **JONAS.**

CONSELHEIRO MATHIAS. **RYAN.**

REI CARLOS. **EMANUELLI.**

ESMERALDA. **MARIANA/ GIOVANA.**

NARRADOR. **GABRIELA.**

Conselheira de outro reino Judith: **MARIA LUIZA.**



## PRIMEIRO ATO

### CENA I

Rainha Eliza: Elizabeth, está na hora de acordar, seu pai ficará furioso se a futura rainha não comparecer à reunião.

Princesa Elizabeth: Já vou, mãe, só faltam mais 5 minutos.

Rainha Eliza: Nem pense nisso, levante já dessa cama, Elizabeth Ágata III.

Princesa Elizabeth (Resmungando): Ah!!! Ah!!! Mãe, a senhora viu meu vestido vermelho com pedras de rubi?

Rainha Eliza: Está no armário de ocasiões especiais, querida.

### CENA II

(Enquanto isso na sala de jantar)

Rei Eduardo: Mathias, já está tudo pronto para a chegada dos convidados? A guarnição já chegou? E o Rei Carlos?

Conselheiro Mathias: Sim, Vossa Majestade, tudo foi organizado com a Esmeralda, a promotora de eventos mais bem capacitada do reino.

Rei Eduardo: Certo, obrigado por toda sua dedicação ao seu Rei. Irei lhe pedir um último favor e poderá tirar um dia de folga para ver sua família.

Conselheiro Mathias: Obrigado, Vossa Majestade, ficarei grato em ver minha família.

Rei Eduardo: Por favor, prepare a mesa do jantar e chame o Rei Carlos para entrar.

Conselheiro Mathias: Sim, senhor.

## CENA III

Narrador: Sendo assim, Mathias partiu para convocar os reis e os líderes dos reinos aliados, que logo chegaram ao palácio.

Rei Eduardo: Carlos, meu irmão, nos conhecemos desde pequenos quando nossos pais governavam juntos. (Rindo) Quanto tempo, já estava sentindo saudade.

Rei Carlos: Ah, meu grande amigo, estou muito feliz em revê-lo.

Rei Eduardo: Por favor, venha beber comigo enquanto esperamos o restante dos convidados chegarem.

Narrador: Trinta minutos se passaram até que os outros convidados chegaram e a reunião começou.

Rei Eduardo: Já que estão todos presentes, podemos começar a reunião.

(Elizabeth entra na sala de reuniões)

Rei Eduardo: Que bom que decidiu nos agraciar com sua presença, Elizabeth.

Elizabeth: Desculpem o atraso.

Rainha Eliza: Se estão todos aqui, podemos começar.

Rei Eduardo: Bom, como eu ia dizendo, convoquei vocês aqui para debatermos a situação do reino. Estamos com um grande problema de escassez de alimentos. Os campos estão com problemas de cultivo e temos também um grupo de ladrões fazendo um caos no reino, estou fazendo tudo que posso para detê-los, mas são espertos e rápidos.

Rei Carlos: Acredito que o que Eduardo está dizendo não é só sobre o reino dele, mas os de todos nós.

Elizabeth: Pois bem, precisamos tomar alguma medida contra esses ladrões, o que eles querem? Dinheiro? Comida? Os dois? A questão aqui é que, para pegar bandidos, temos que saber o que eles querem, temos que pensar como eles.

(Elizabeth é interrompida)

Rei Carlos (Indignado, levanta-se): Elizabeth está maluca, agir e pensar como bandidos? Como você pode achar que entende da política de nosso reino? Você é só mais uma princesinha mimada pelo seu pai.

Rainha Eliza (exaltando-se): Respeite minha filha!

Elizabeth: Rei Carlos, deveria lembrá-lo de que sou a futura governante deste reino e não irei tolerar que fale dessa forma comigo, por mim você nem estaria nesta mesa. Agora como eu ia dizendo, uma boa forma de pegar esse grupo de bandidos é atraí-los, como uma armadilha, mas precisamos saber o que eles querem.

Narrador: Carlos não gostava de Elizabeth por ser uma mulher em um cargo de poder. Elizabeth era uma das mulheres mais encantadoras do reino, muito inteligente, forte, boa estrategista e bem teimosa.

Rei Eduardo: Irei fazer uma viagem de negócios e deixarei minha filha cuidando do reino. Voltarei em breve.

Elizabeth: Fique tranquilo. Tomarei todas as providências.

Rainha Eliza: Logo voltaremos.

(Todos saem)

## CENA IV

Narrador: Elizabeth combina um plano com Esmeralda.

Elizabeth (Secretamente com o tom de voz mais baixo): Esmeralda, se infiltre entre os soldados, descubra alguma coisa sobre os roubos e me fale.

Esmeralda (Concordando com a cabeça): Está bem. Eu tenho contato com eles. Irei ver o que consigo.

Elizabeth: Amanhã nos encontraremos.

## CENA V

Narrador: No outro dia.

Esmeralda (Pega discretamente Elizabeth pelo braço): Descobri umas informações importantes.

Elizabeth: Sim, me fale.

Esmeralda: Informaram-me que os bandidos são soldados do Rei Carlos e que irão invadir os cofres públicos.

Elizabeth: Bom trabalho. Temos que impedir. Iremos pegá-los no flagra. Avise meus soldados.

Esmeralda: Sim, avisarei.

## CENA VI

Narrador: Esmeralda foi falar com os soldados. Ela foi atacada e estava passando o Mathias.

Mathias (Exaltado): Não posso acreditar no que estou vendo! Preciso fazer algo, mas o quê? Ele é um soldado do Rei Carlos, e eu apenas um conselheiro do Rei Eduardo, mas não posso ficar aqui só olhando. Nossa! É a Esmeralda, tenho que salvá-la.

Narrador: Mathias resolve ir para cima do soldado com um pedaço de madeira em uma das mãos e toda sua coragem não era suficiente para enfrentar um soldado treinado. Ele conseguiu salvar Esmeralda, que fugiu. Mathias, infelizmente, não teve chance nenhuma, e levou uma baita surra, vindo assim a entrar em coma. Esmeralda conseguiu avisar aos soldados de Elizabeth que montaram uma cilada.

Esmeralda: Elizabeth, tudo pronto, os soldados estão preparados. Mas tenho que contar para você tudo que aconteceu.

Elizabeth: Depois você me conta, vamos estar preparadas.

Soldados (Entram na sala): Pegamos os bandidos e os prendemos. São todos soldados de Carlos. Os cofres públicos estão protegidos.

Elizabeth: Bom trabalho! Amanhã chegarão meu pai e minha mãe. Eles ficarão felizes com a notícia de nosso reino. Pode se retirar, soldado. O que você quer me falar?

Esmeralda: Eu fui pega e quase violentada, quem me salvou foi o Conselheiro de seu pai, o Mathias. Ele está em coma. Ele sabe de muita coisa que não sabemos.

Elizabeth (Chocada): Nossa, meu pai não irá gostar da notícia.

## CENA VII

Narrador: O Rei Eduardo volta da viagem.

Rei Eduardo: Filha, vi que fez um grande trabalho.

Rainha Eliza: Estou orgulhosa de você, minha querida.

Elizabeth: Sim, prendi os bandidos. Nosso reino está salvo.

Rei Eduardo: Fomos convocados para uma reunião amanhã.

Elizabeth: Sim, pai, estarei presente. Pai, Mathias está mal, mas tem grande chance de se recuperar. Contarei tudo que aconteceu para você.

## CENA VIII

Narrador: No outro dia, reunião com os conselheiros dos reinos.

Rei Eduardo: Entrem todos. Elizabeth está aqui também. Podem falar, conselheiros.

Conselheira Judith: Temos uma notícia: queremos falar que sua filha não é bem-vinda nesta região.

Rei Eduardo: Que absurdo! O que aconteceu?

Rainha Eliza (Exalta-se): Isso não pode ser.

Conselheira Judith: Ela está prejudicando a todos. Ela está denunciando o Rei Carlos injustamente. Ela é a inimiga do povo! Está aumentando o desemprego de outros reinos porque ela fez uma barreira aqui que está prejudicando a todos.

Elizabeth: Eu tive que bloquear a cidade para pegar os bandidos.

Conselheira Judith: Ela tem que sair daqui porque, se não abrir as fronteiras, terá guerra.

Rei Eduardo: Minha filha será exilada, mas não soltarei nenhum bandido que ela prendeu. Eu cuidarei das fronteiras agora.

Conselheira Judith: Melhor assim, caso contrário, sua cidade será atacada.

Rei Eduardo: Hoje mesmo minha filha irá embora.

Elizabeth: Irei embora, mas a verdade irá se revelar.

Rainha Eliza: Se cuida, filha.

## CENA IX

Narrador: Mathias se recupera e o Rei faz uma grande reunião.

Rei Eduardo: Fiz essa reunião para que se descubram verdades. Mathias, pode falar tudo que você sabe.

Mathias (Ainda convalescente): Os soldados do Rei Carlos estavam violentando as mulheres do reino e roubando os cofres públicos. Eu salvei Esmeralda e ela conseguiu junto com Elizabeth prender os bandidos. Elizabeth foi certa em fechar as fronteiras. Ela teve que proteger e fiscalizar esse reino. Isso seria somente por algum tempo. Ela foi uma excelente representante do reino na sua ausência.

Rei Eduardo: Estou orgulhoso de minha filha.

Rainha Eliza: Minha filha traz muitas felicidades.

Conselheira Judith: Prendemos o Rei Carlos e a Elizabeth voltará de seu exílio e governará esta cidade.

## FIM

# A CARTOMANTE

(Conto do livro *Várias Histórias*, de Machado de Assis)

**H**AMLET observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia<sup>1</sup>. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

– Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

– Errou, interrompeu Camilo, rindo.

– Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

– Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

– Onde é a casa?

– Aqui perto, na Rua da Guarda Velha<sup>2</sup>; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

– Tu crês de veras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade<sup>3</sup>; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser

<sup>1</sup> Trata-se de uma referência à peça teatral "Hamlet", de William Shakespeare.

<sup>2</sup> Atual Avenida Treze de Maio.

<sup>3</sup> Incredulidade: qualidade, estado, atitude ou inclinação de quem tem dificuldade em crer em algo ou não se deixa convencer com facilidade; ceticismo.



amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos<sup>4</sup>, onde morava uma comprovinciana<sup>5</sup> de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos<sup>6</sup>, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femmina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as coisas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas<sup>7</sup>. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas<sup>8</sup>. A velha caleça<sup>9</sup> de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as coisas que o cercam.

<sup>4</sup> Atual Rua Evaristo da Veiga.

<sup>5</sup> Comprovinciana: que ou aquela que é da mesma província que outra(s) pessoa(s).

<sup>6</sup> Cálidos: quentes, ardentes.

<sup>7</sup> Insólitas: incomuns, inesperadas.

<sup>8</sup> Deleitosas: deliciosas, saborosas, apetitosas, gostosas.

<sup>9</sup> Caleça: carruagem de tração animal (cavalo) montada sobre quatro rodas, tendo à frente um assento de encosto móvel e atrás uma capota conversível; caleche.





Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido<sup>10</sup>, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rrear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola<sup>11</sup> de rapaz. Candura<sup>12</sup> gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia<sup>13</sup> do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara<sup>14</sup>, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo<sup>15</sup>.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

– Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se<sup>16</sup>, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas

<sup>10</sup> Pérfido: desleal, traidor.

<sup>11</sup> Frívola: sem importância, sem valor.

<sup>12</sup> Candura: inocência, pureza, ingenuidade.

<sup>13</sup> Aleivosia: deslealdade, traição.

<sup>14</sup> Avara: excessivamente econômica.

<sup>15</sup> Pródigo: excessivamente generoso.

<sup>16</sup> Acautelar-se: pôr(-se) de sobreaviso contra um perigo, uma ocorrência desagradável etc.; prevenir(-se), precaver(-se).



coisas com a notícia da véspera.

– Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois, sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil<sup>17</sup>; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tílburí<sup>18</sup>. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

– Quanto antes, melhor, pensou ele, não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tílburí teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tílburí, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tílburí, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

– Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as



<sup>17</sup> Verossímil: verdadeira.

<sup>18</sup> Tílburí: carro de dois assentos, sem boleia, geralmente coberto, de duas rodas e puxado por um só animal.

palavras da carta: "Vem já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas coisas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

– Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

– E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

– A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

– As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

– A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

– Vá, disse ela; vá, *ragazzo innamorato*...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

– Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas



quer mandar buscar?

– Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

– Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira<sup>19</sup>, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris<sup>20</sup>; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

– Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer coisa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação:

– Vá, vá, *ragazzo innamorato*; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

– Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: – ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

**FIM**



<sup>19</sup> Algibeira: pequena bolsa, separada da roupa, que mulheres do povo usam na cintura, por cima ou por baixo da saia.

<sup>20</sup> Pueris: fúteis, inocentes, banais, frívolos, infantis, ingênuos.

## Nota sobre esta edição

Esta edição especial do conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, faz parte do meu projeto de doutorado, voltado para a construção de um modelo de aplicação da Pedagogia dos Multiletramentos no ensino médio. Os estudantes Guilmerme Soares e Virgínia Mota, do Centro de Ensino Médio Elefante Branco, trabalharam sob a minha orientação na produção e na revisão desta edição.

Esta adaptação de uma obra clássica da nossa literatura teve como foco o uso de recursos que trouxessem o texto literário, em parte, para a realidade multissemiótica deste início de século XXI, atividade que pode ampliar as práticas pedagógicas relacionadas ao estudo da literatura brasileira com estudantes da Educação Básica.

Além das ilustrações das cartas de tarô, cedidas pela equipe do site Clube do Tarô ([www.clubedotaro.com.br](http://www.clubedotaro.com.br)), destacamos a presença da marca d’água, em todas as páginas, com a imagem de Machado de Assis. Infelizmente, as imagens do principal nome da literatura brasileira não costumavam representar de forma muito evidente o escritor como negro. Isso fazia o autor parecer branco, o que é um erro que buscamos corrigir nesta edição.

Também destaco que elaboramos notas de rodapé com o significados de palavras, retirados da versão online do Dicionário Michaelis (<https://michaelis.uol.com.br/>), e com algumas notas explicativas para tentar facilitar a compreensão do conto para os leitores contemporâneos.

Por fim, ressalto que o texto desta edição foi elaborado a partir da versão do conto disponível no site da Academia Brasileira de Letras (ABL). Fizemos a revisão dessa versão da ABL com base na 3ª edição da coletânea “Conto de escola e outras histórias curtas”, disponível no site da Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados.

Espero, sinceramente, que a leitura tenha sido tão agradável a vocês quanto o processo de elaboração desta edição.

Fernando Fidelix Nunes  
Setembro de 2021